

Carta de denúncia à Inquisição

em o mes de setenbor ou outubor de seis sentos nouenta e seis me susedeu por causa duma doensa q. tiue ter hũa pouca de roupa suiia e pela querer guardar andaua pirsiguindo a lauandeira q. ma lauase antes que emtarse o jnuerno e ela me disia que não achaua sinsa q. pidise eu a minha forneira q. ma uendese e q. logo ma lauaria eu uendo isto por não ter cirada q. mandase e ser uso no meu bairo hirem as uisinhas em casa hũas das outars com libardade fui eu hũ dia as tirndades com hũ pausinho na mão a casa da forneira diserãome q. estaua na eira q. esta atars da parede das casas fui la ter com ela acheia asentada a par dum monte de ispigas de milho com hũa minina q. tinha de poucos meses mitida na saia eu asentejme a par dela q. fasia mto. luar alj istiuemos falando hũ pouco e eu disendo q. quiria me uendese hũa pouca de sinsa pa. mandar lauar hũa pouca de roupa e hũns colxois antes que chousese ela dise q. não ma podia dar...

(transcrição regularizada)

No mês de setembro ou outubro de 696 me sucedeu, por causa duma doença que tive, ter um pouco de roupa suja. E, por a querer guardar, andava perseguindo a lavadeira que ma lavasse antes que entrasse o inverno. E ela me dizia que não achava cinza; que pedisse eu à minha forneira que ma vendesse e que logo ma lavaria. Eu vendo isto, por não ter criada que mandasse e ser uso no meu bairro irem as vizinhas em casa umas das outras com liberdade, fui eu um dia às trindades, com um pausinho na mão, a casa da forneira. Disseram-me que estava na eira que está atrás da parede das casas. Fui lá ter com ela. Achei-a sentada a par dum monte de espigas de milho, com uma menina, que tinha de poucos meses, metida na saia. Eu sentei-me ao lado dela, que fazia muito luar. Ali estivemos falando um pouco. E eu dizendo que queria que me vendesse um pouco de cinza para mandar lavar um pouco de roupa e uns colchões, antes que chovesse, ela disse que não ma podia dar...

Comentário

Esta carta de denúncia é um autógrafo de Vicência do Rosário e foi dirigida à Inquisição de Lisboa em 1699, relatando factos passados em Leiria alguns anos antes (Lisboa, AN/TT). Foi publicada por Rita Marquilha (2000: 300-301), juntamente com algumas dezenas de outros documentos autógrafos do séc. XVII, depositados nos arquivos da Inquisição e produzidos por pessoas semi-alfabetizadas. O interesse linguístico destes documentos é grande.

No que toca a sibilantes, assiste-se a um fenómeno que não aparecera antes: uma predorsal surda é representada por *s* singelo, ou seja por um grafema associado à apical sonora (*susedeu* por *sucedeu*, *doensa* por *doença*, *sinsa* por *cinza*). A par disto, também a predorsal sonora é representada pelo mesmo *s* singelo: *disia* por *dizia*, *sinsa* por *cinza*, *uisinhas* por *uizinhas*. Dir-se-ia que este grafema <*s*> é a solução universal que Vicência tinha para representar sibilantes. Não estaremos perante fenómenos da oralidade denunciados na escrita, mas perante uma escrita pobre e distante, por isso, da verdade grafémica.

Verdade que, em contrapartida, transparece em formas como *pudia*, reveladora da elevação da vogal pré-tónica, e principalmente em *colxois*, por *colchões*, de CULCITA através do espanhol *colcha*. Esta forma revela que o desafricamento de [tʃ] era praticado por uma mulher do centro de Portugal (Leiria) no final do séc. XVII, bastante antes de Madureira Feijó o reconhecer como marca dos naturais de Lisboa.

Finalmente, este documento contém bastantes exemplos de um fenómeno comum entre os escritos de mãos inábeis: a deslocação para o final da sílaba do *r* pertencente a um grupo consonântico inicial (ataque ramificado). Os exemplos são *setenbor* por *setembro*, *outubor* por *outubro*, *emtarse* por *entrasse*, *cirada* por *criada*, *tirndades* por *trindades*, *tars* por *trás*. Marquilha (2000: 245-257) estuda demoradamente estas formas: depois de ponderar se elas representam factos da oralidade (metáteses), hipótese dificultada por algumas formas serem impronunciáveis (*tirndades*), propõe que se veja nelas uma particular dificuldade das mãos inábeis em representar sílabas começadas por ataque ramificado, explicável talvez por deficiências na aprendizagem da escrita, mas certamente tendo a ver com problemas de percepção dos segmentos silábicos.

Este fenómeno, tal como as mutações de sibilantes do mesmo texto, não está ligado a características do português falado na época clássica. A sua natureza é mais sociocultural do que linguística. Se aplicássemos a textos deste tipo filtros que depurassem as anomalias gráficas em que são ricos e apenas deixassem permanecer as características associáveis a factos da língua falada da época, talvez nos fosse possível concluir que estes textos, estranhamente, estão muito perto de nós.